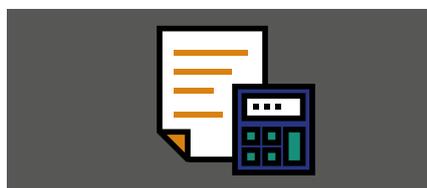
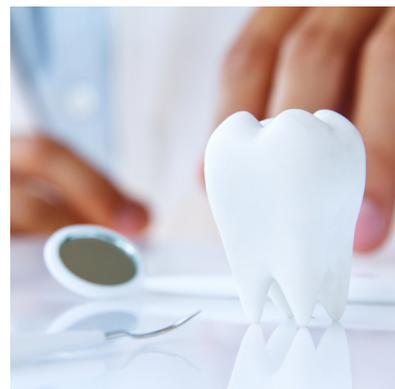
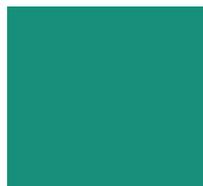
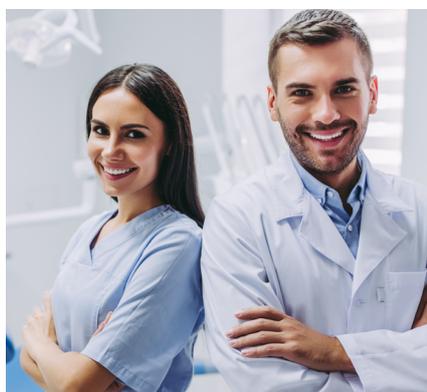


# Cenário Saúde

Publicação do Sistema  
**Abramge . Sinamge . Sinog**  
Volume 6, Nº1 de 2021  
ISSN 2527-2063



# Saúde em Destaque

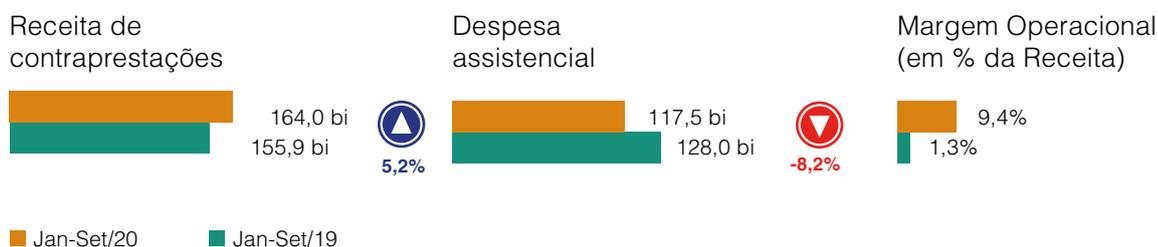
## Planos Médicos



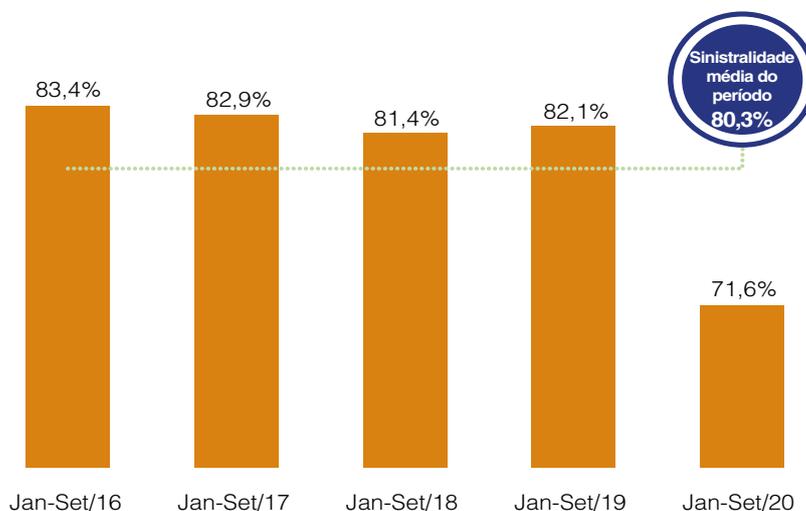
## Planos Odontológicos



## Receita de contraprestações, despesas assistenciais e resultado operacional para planos médico-hospitalares



## Sinistralidade do setor





75%

Das consultas odontológicas no Brasil ocorreram em clínicas ou consultórios privados



33%

Da população acima de 18 anos usa algum tipo de prótese dentária



67,7%

Da população adulta no Brasil considera sua saúde bucal boa ou muito boa

### Distribuição do local das consultas odontológicas nos últimos 12 meses pessoas

Em %

2,0

Unidade de pronto-atendimento público ou emergência de hospital público

1,3

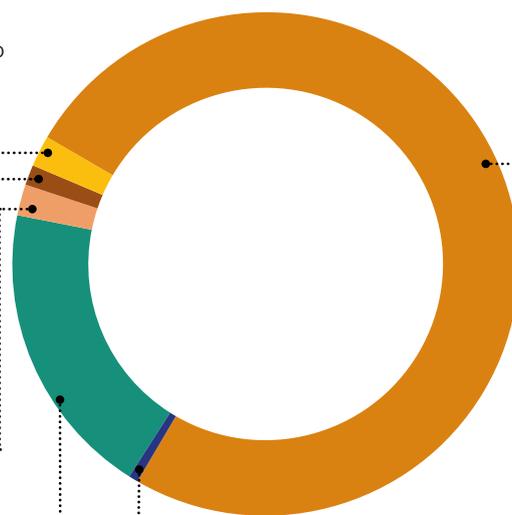
Centro de Especialidades Odontológicas

2,0

Centro de Especialidades, Policlínica Pública ou PAM

19,1

Unidade básica de saúde



75,0

Consultório particular, Clínica privada, Hospital privado/ambulatório

6,0

Outro

# Cenário Saúde

Abramge . Sinamge . Sinog

Volume 6, Nº 1 de 2021

## Apresentação

O Cenário Saúde é uma iniciativa do Sistema Abramge/Sinamge/Sinog que contribui com a missão destas instituições de criar e disseminar conhecimento a respeito do setor de saúde, com foco no mercado brasileiro de planos de saúde.

Neste 18º número, a publicação apresenta os indicadores de desempenho da saúde suplementar consolidado em 2020, ano marcado pela pandemia da COVID-19 e seus efeitos sobre a economia brasileira. Apesar destes efeitos, a geração positiva de empregos formais no Brasil contribuiu para a recuperação do setor de planos de saúde nos dois últimos trimestres, período em que ambos os mercados de planos – médico-hospitalares e exclusivamente odontológicos – apresentaram crescimento do número de beneficiários.

A sessão especial analisa os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde Bucal de 2019, divulgada pelo IBGE. Foram analisados os indicadores referentes à qualidade do cuidado bucal da população brasileira, incidência de problemas odontológicos e características da assistência à saúde bucal. A pesquisa também indica que a saúde bucal no Brasil é amparada majoritariamente pela saúde privada. Destaque especial para o fato de que três quartos das consultas odontológicas (75%) são realizados em unidades privadas de atendimento.

Esperamos que a publicação deste material possa contribuir com o planejamento e a tomada de decisão dos gestores, e dessa forma promover a melhoria contínua e o desenvolvimento das atividades das operadoras de planos de saúde.

# Sumário



01

## Mercado de saúde suplementar **Planos Médico-Hospitalares**

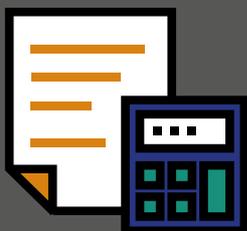
07. Número de beneficiários e taxa de cobertura  
13. Desempenho econômico-financeiro



02

## Mercado de saúde suplementar **Planos odontológicos**

18. Número de beneficiários e taxa de cobertura  
24. Desempenho econômico-financeiro



03

## Saúde em Foco **Situação da Saúde Bucal no Brasil**

28. A pesquisa nacional de saúde bucal

01

# Mercado de saúde suplementar

Planos Médico-Hospitalares



# 01

## Mercado de saúde suplementar

### Planos Médico-Hospitalares

## Número de beneficiários e taxa de cobertura

Ao final do ano de 2020 o número de beneficiários de planos médico-hospitalares atingiu 47,6 milhões, um aumento de 1,2% em relação ao mesmo período do ano anterior. O crescimento anual interrompeu um período cinco anos consecutivos de quedas (desde 2015), e foi sustentado pela recuperação do setor no último trimestre do ano. Durante o 4º trimestre de 2020 houve um aumento de 553 mil beneficiários, o que se traduz em um crescimento de 1,2% entre setembro e dezembro deste ano.

A perspectiva do setor em 2021 é de consolidação da recuperação do mercado após arrefecimento do impacto da pandemia de COVID-19 sobre a economia brasileira. Esta perspectiva se baseia na melhora de alguns indicadores econômicos nos dois últimos trimestres de 2020, como a geração positiva de empregos formais (medido pelo saldo do CAGED) e o aumento no Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) do Banco Central. Além disso, existe a expectativa de que a campanha de vacinação contra a COVID-19 no Brasil, iniciada em janeiro de 2021, leve ao gradual fim das medidas de distanciamento social e uma maior recuperação econômica ao longo de 2021.

# 47,6

milhões

É o número de beneficiários de planos médico-hospitalares

# 553

mil

Acréscimos de beneficiários.

# 1,2%

Aumento de beneficiários entre setembro e dezembro deste ano.

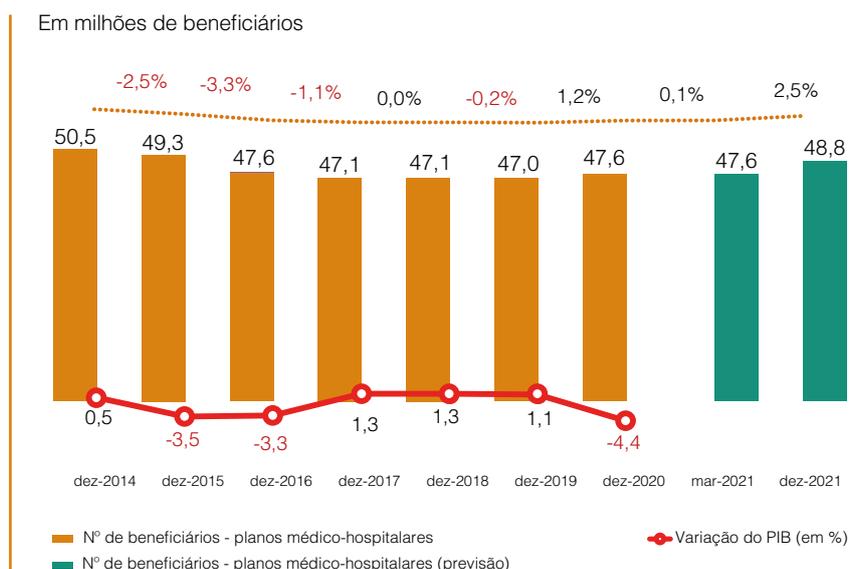
<sup>1</sup>NOTA TÉCNICA: foi feita seleção de variáveis com base no procedimento "subset selection", muito utilizado em modelos de machine learning. O modelo acompanha o desempenho das contratações em 14 setores da economia brasileira e a variação do PIB da indústria e do comércio. As variáveis de incerteza econômica são o desvio padrão das expectativas do PIB do Boletim Focus para os próximos dois anos e a média móvel de 12 meses do Economic Policy Uncertainty Index (EPU Index) para o Brasil – indicador que pode ser obtido em [http://www.policyuncertainty.com/brazil\\_monthly.html](http://www.policyuncertainty.com/brazil_monthly.html). O modelo econométrico empregado foi um modelo multivariado de séries temporais (Vetor Auto Regressivo – VAR).

As estimativas da Abramge, que consideram os fatores apontados anteriormente, apontam crescimento de 0,1% no número de beneficiários entre o janeiro e março de 2021, o que significaria um aumento de 34,7 mil beneficiários no trimestre. O crescimento anual foi estimado em 2,5%, com o número de beneficiários atingindo 48,8 milhões em dezembro de 2021, o que indicaria intensificação da recuperação do setor.

O modelo de previsão utilizado toma por base diversos conjuntos de variáveis, sendo elas o desempenho do mercado de trabalho, número de pedidos de seguro desemprego, a variação do PIB e medidas gerais de incerteza da economia brasileira .<sup>1</sup>

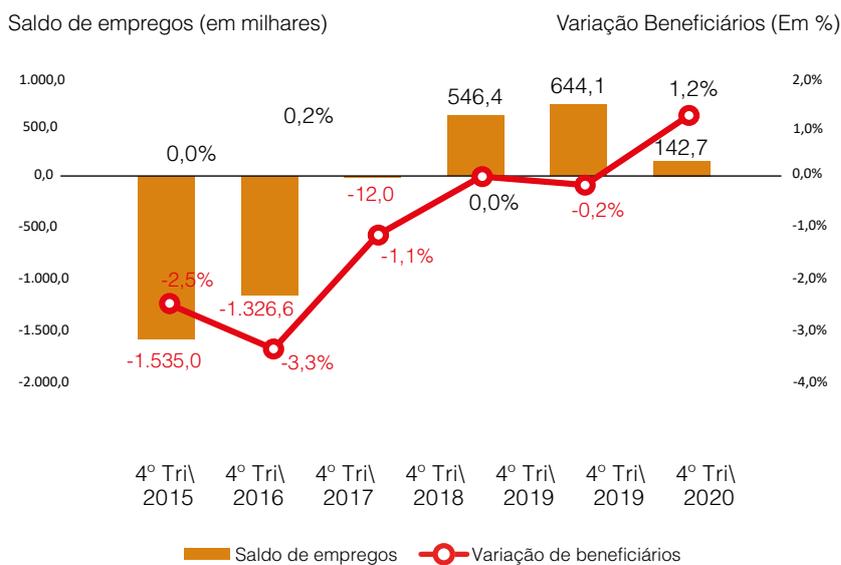
## Gráfico 1 – Número de beneficiários de planos médico-hospitalares

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS, RAIS-CAGED/MTE, IBGE, Banco Central do Brasil e Economic Policy Uncertainty Index.



## Gráfico 2 – Saldo de empregos no trimestre x Variação trimestral do número de beneficiários (4º tri/2015 – 4º tri/2020)

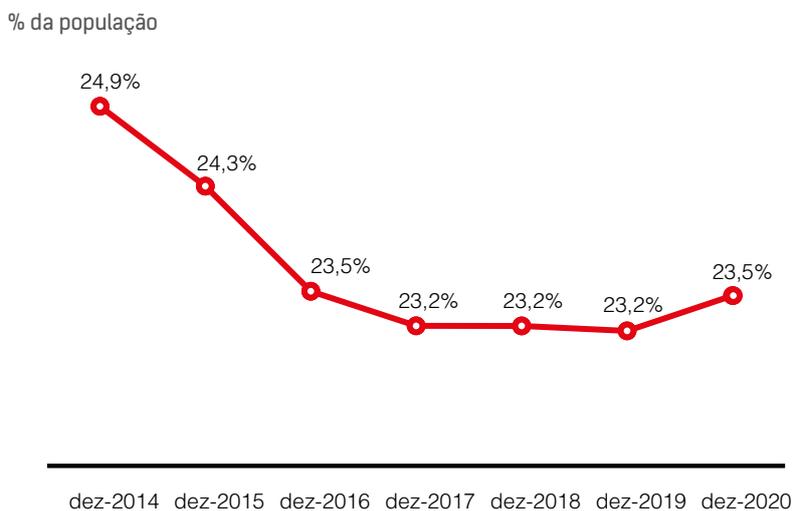
Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS e do CAGED/MTE.



A taxa de cobertura de planos médico-hospitalares apresentou sucessivas quedas entre 2014 e 2018. Entre 2014, quando 24,9% da população brasileira possuía acesso à saúde suplementar, e 2018, a taxa de cobertura caiu 1,7 pontos percentuais, atingindo 23,2%, patamar que foi mantido em 2019. A taxa de cobertura apresentou recuperação em 2020, alcançando 23,5% da população.

## Gráfico 3 – Taxa de cobertura de planos médico-hospitalares

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS e IBGE.



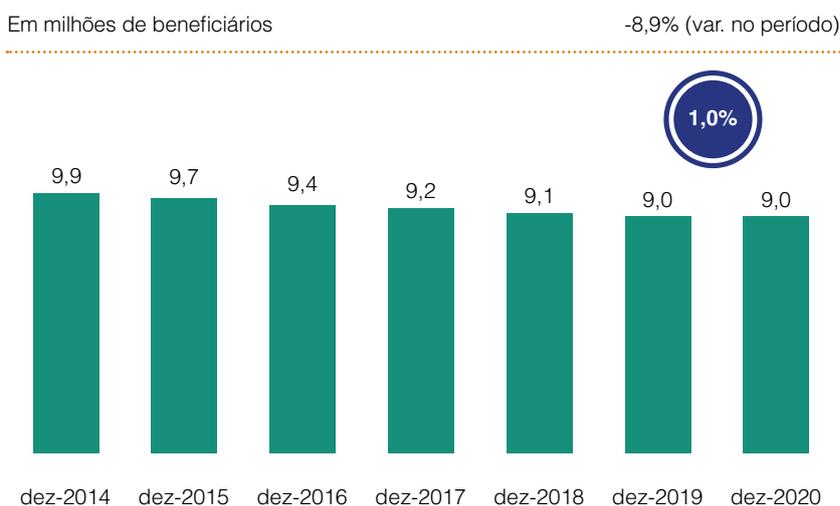
Nos últimos 12 meses, os três tipos de planos médico-hospitalares apresentaram crescimento no número de beneficiários. Este crescimento foi maior entre os planos do tipo coletivo por adesão, 2,0%, o que representa um aumento de 123,5 mil beneficiários entre dezembro de 2019 e 2020. Em seguida vieram os planos do tipo coletivo empresarial, que cresceram 1,4%, ou 436,7 mil beneficiários. Os planos individuais/familiares apresentaram aumento de 0,1%, o que corresponde a um acréscimo de 12,0 mil beneficiários.

Analisando os últimos sete anos, é possível notar que houve queda na quantidade de beneficiários em todos os tipos de planos médico-hospitalares. A queda foi maior entre os planos do tipo individual/familiar, -8,9%. Os planos do tipo coletivo por adesão e coletivo empresarial apresentaram quedas de -5,8% e -4,4% entre 2014 e 2020, respectivamente. Estes números implicam em um aumento na participação dos planos coletivos empresariais no mercado de planos médico-hospitalares e uma queda na participação dos planos individuais. Neste período, a participação dos planos individuais/familiares caiu 0,7 pontos percentuais, atingindo 19,0% do total de mercado, enquanto a dos planos coletivos empresariais cresceu 0,8 pontos percentuais, alcançando 67,7% do mercado de planos médico-hospitalares em 2020.

#### Gráfico 4 – Desempenho do mercado de planos médico-hospitalares por tipo de contratação

##### Plano Individual/Familiar

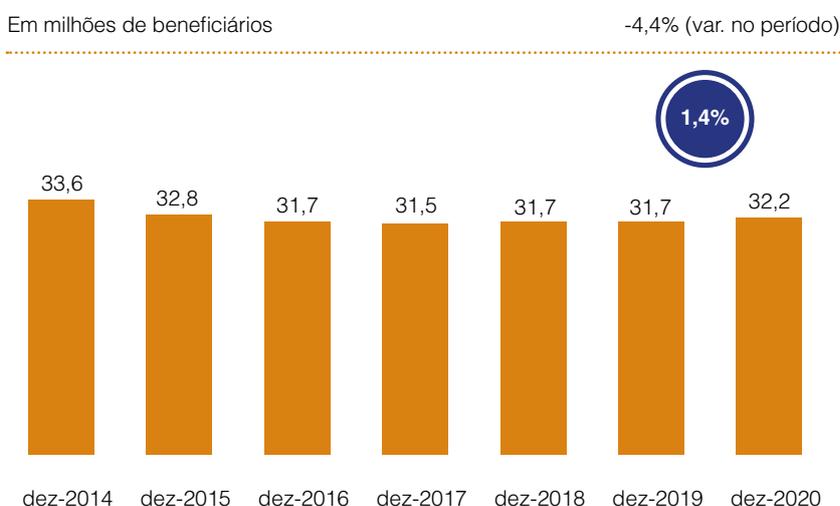
Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



#### Gráfico 4 – Desempenho do mercado de planos médico-hospitalares por tipo de contratação

##### Plano Coletivo Empresarial

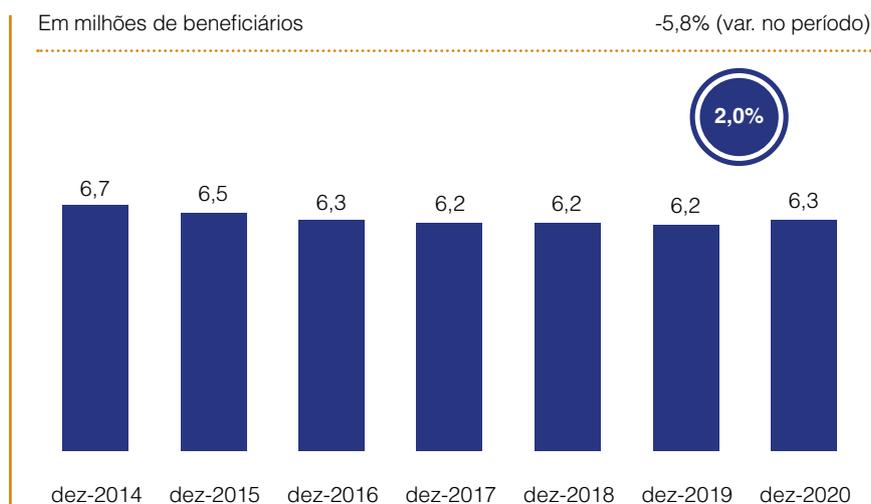
Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



## Gráfico 4 – Desempenho do mercado de planos médico-hospitalares por tipo de contratação

### Plano Coletivo por Adesão

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



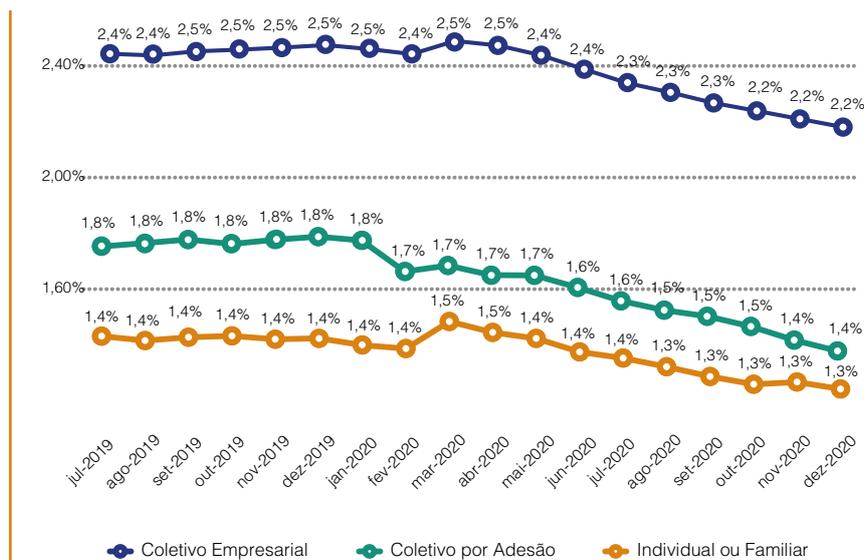
Foram registradas 12,7 milhões de novas adesões a planos médico-hospitalares no ano de 2020. Destas novas adesões, 9,9 milhões (78,2%) ocorreram em planos coletivos empresariais, 1,5 milhão (11,8%) em planos individuais/familiares e 1,3 milhão (10,0%) em planos coletivos por adesão. Convém notar que uma parte dos beneficiários que aderem e cancelam planos de saúde neste período consiste de indivíduos que estão migrando de um produto para outro.

A taxa de cancelamento de contratos, ou *churn rate*, é o índice que mede o percentual de cancelamentos em relação ao número de beneficiários. Entre os tipos de contratação, os planos individuais apresentam o menor índice, atingindo 1,3% em dezembro de 2020. A *churn rate* é maior entre os planos do tipo coletivo empresarial, alcançando 2,2% no final de 2020. Os planos coletivos por adesão apresentaram uma taxa intermediária em relação aos demais tipos, 1,4%.

A *churn rate* apresenta uma trajetória de queda nos três tipos de contratação desde março de 2020. Neste período houve uma redução de 0,2 pontos percentuais do índice para planos do tipo individual/familiar e de 0,3 pontos percentuais para os planos coletivos por adesão e empresariais.

**Gráfico 5 – Churn Rate em planos médico-hospitalares por tipo de contrato (Jul/2019 a Dez/2020)**

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



O crescimento do setor de planos médico-hospitalares no último ano foi amparado pelo crescimento das modalidades filantropia (3,1%), medicina de grupo (2,9%) e cooperativa médica (1,1%). As modalidades autogestão e seguradora apresentaram queda do número de beneficiários em 2020, de -4,2% e -0,3%, respectivamente.

Considerando o desempenho acumulado desde 2014, apenas a modalidade medicina de grupo registrou crescimento, de 9,1%. Dentre as demais modalidades, a maior queda ocorreu entre as operadoras de autogestão (-21,3%), seguida pelas seguradoras (-17,4%), de filantropia (-16,2%), e cooperativas médicas (-10,0%). Neste período, a parcela de mercado das operadoras de medicina de grupo cresceu 5,4 pontos percentuais, atingindo 39,8% do mercado de planos médico-hospitalares ao final de 2020.

## Tabela 1 – Desempenho do mercado de planos médico-hospitalares por modalidade de operadora

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.

Período	Medicina de Grupo	Cooperativa Médica	Seguradora	Autogestão	Filantropia	Total
dez/14	17.333.905	19.323.748	7.387.922	5.378.367	1.107.806	50.531.748
dez/15	17.321.399	18.769.485	6.829.242	5.274.483	1.084.476	49.279.085
dez/16	17.451.552	17.751.146	6.384.113	5.012.380	1.032.563	47.631.754
dez/17	17.890.614	17.372.705	6.011.695	4.840.230	975.118	47.090.362
dez/18	18.312.397	17.230.770	5.970.738	4.637.214	937.425	47.088.544
dez/19	18.370.974	17.199.738	6.123.357	4.415.001	900.714	47.009.784
dez/20	18.907.745	17.395.206	6.102.217	4.230.691	928.504	47.564.363
Var. acumulada	9,1%	-10,0%	-17,4%	-21,3%	-16,2%	-5,9%
Var. (12 meses)	2,9%	1,1%	-0,3%	-4,2%	3,1%	1,2%

## Desempenho econômico-financeiro

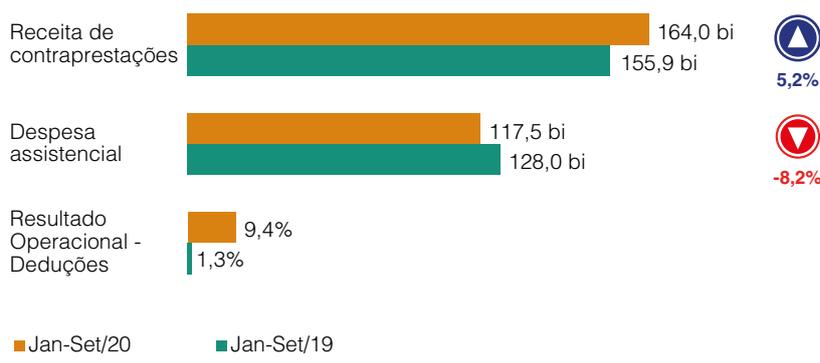
As operadoras de planos de cobertura médico-hospitalar faturaram R\$ 164,0 bilhões em receita de contraprestações entre janeiro e setembro de 2020, um crescimento de 5,2% em relação ao mesmo período do ano anterior. As despesas assistenciais apresentaram uma queda de 8,2% neste mesmo período, atingindo R\$ 117,5 bilhões ao final do 3º trimestre.

A margem operacional das operadoras apresentou forte crescimento em relação ao apresentado em 2019, atingindo 9,4% da receita de contraprestações. Este crescimento é ainda um reflexo da queda temporária da despesa assistencial apresentada durante a pandemia de COVID-19. A tendência é de que os procedimentos eletivos que foram adiados durante a pandemia, sejam aos poucos retomados e, conseqüentemente, a margem retorne a valores mais próximos ao apresentado em 2019.

A margem operacional é calculada dividindo o resultado operacional, isto é, as receitas operacionais menos as despesas com operação dos planos (assistencial, comercial e operacional), pela receita de contraprestações. O cálculo não considera as receitas e despesas patrimoniais e financeiras da operadora.

## Gráfico 6 – Receita de contraprestações, despesas assistenciais e resultado operacional para planos médico-hospitalares

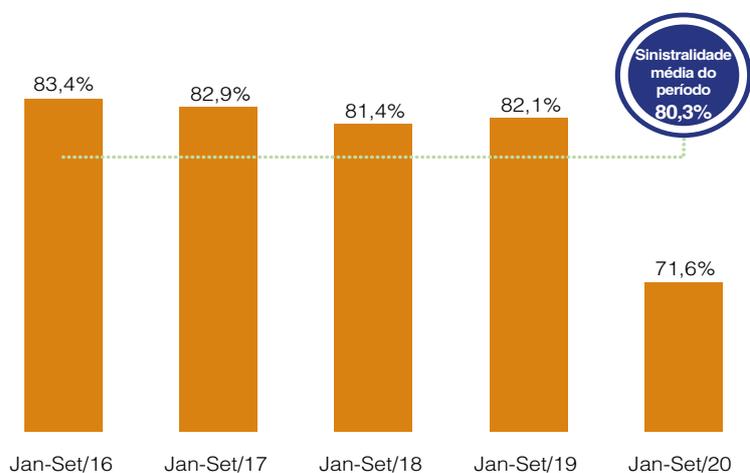
Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



Neste mesmo período, a taxa de sinistralidade dos planos médico-hospitalares foi de 71,6%. Este número indica uma queda de 10,5 pontos percentuais em relação ao apresentado em 2019, refletindo novamente a redução temporária na despesa assistencial durante o ano de 2020. A sinistralidade mede a relação entre os gastos com assistência médico-hospitalar (eventos cobertos) e a receita de contraprestações da operadora em um determinado período. Ou seja, de cada R\$ 100,00 recebidos pela operadora, a título de mensalidade de plano, R\$ 71,60 são utilizados para custear despesas médico-hospitalares do grupo de pessoas asseguradas.

## Gráfico 7 Sinistralidade do Setor

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



O *ticket* mensal médio dos planos de cobertura médico-hospitalar alcançou R\$ 413,10 em setembro de 2020, um aumento de 4,4% em relação ao valor apresentado no mesmo período de 2019. Todas as modalidades apresentaram crescimento do *ticket* médio neste período, sendo a variação maior para as autogestões, com aumento de 9,6%. Em seguida vieram as seguradoras (4,8%), cooperativas médicas (4,6%), filantrópicas (4,2%) e medicinas de grupo (1,7%).

As seguradoras apresentaram o maior ticket médio entre as modalidades, de R\$ 673,01. Este valor é 62,9% maior do que a média do mercado de planos médico-hospitalares. Além das seguradoras, as operadoras de autogestão e cooperativa médica também apresentaram ticket médio acima da média do mercado de planos médico-hospitalares, enquanto as filantrópicas e medicinas de grupo apresentaram valores abaixo dessa média.

### Gráfico 8 – Ticket médio por modalidade da operadora nos três primeiros trimestres de 2020 e período anterior

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



O perfil das obrigações e dos ativos financeiros do setor é acompanhado rotineiramente com o objetivo de avaliar a sustentabilidade e a capacidade do setor em honrar seus débitos. Assim sendo, em setembro de 2020 o valor total das obrigações era de R\$ 55,0 bilhões. Estas obrigações são compostas por R\$ 43,1 bi em provisões técnicas e R\$ 11,8 bi em provisões fiscais e judiciais. O total de ativos, por sua vez, alcançou R\$ 129,1 bi, o que consiste num aumento de 16,0% em relação ao mesmo período de 2019. Os ativos em 2020 são compostos principalmente por aplicações financeiras, que totalizam 70,7% do ativo, somando R\$ 91,3 bi. Os imóveis correspondem por 11,6%, ou R\$ 15,0 bi e as participações em outras empresas por 14,6% (R\$ 18,9 bi). O restante é composto pelo caixa, que soma R\$ 3,9 bilhões.

As obrigações representam 42,6% dos ativos do setor em 2020. Esta proporção representa uma pequena queda em relação ao ano de 2019, quando era de 46,8%.

Posição financeira do setor  
(obrigações vs. ativos) – Set/2020

R\$ 18,9 bi

Participações

R\$ 3,9 bi

Caixa

R\$ 15,0 bi

Imóveis

R\$ 91,3 bi

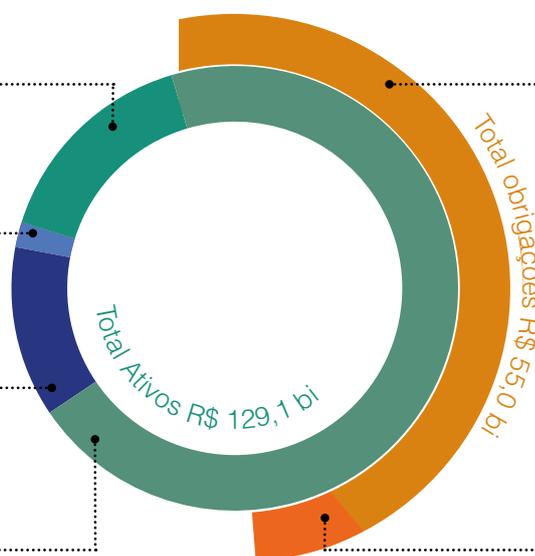
Aplicações

R\$ 43,1 bi

Provisões técnicas

R\$ 11,8 bi

Provisões fiscais e judiciais



O resultado líquido consolidado das operadoras de medicina de grupo atingiu R\$ 4,2 bilhões nos três primeiros trimestres de 2020, o que configura uma melhora de 116,2% em relação ao verificado no mesmo período do ano anterior (R\$ 1,9 bilhão). A queda de 10,1% no custo do produto vendido (despesa assistencial) contribuiu consideravelmente para este cenário em 2020, aumentando o lucro bruto em 42,5% e consequentemente melhorando o resultado líquido. Importante lembrar que se trata de resultado temporário, que dificilmente se repetirá em 2021, tendo em vista a expectativa de retomada dos atendimentos e das cirurgias eletivas postergadas.

**Quadro 1 – Desempenho financeiro das operadoras da modalidade de medicina de grupo – (valores em milhões de R\$)**

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.

Indicador	Jan a Set 2019	Jan a Set 2020	Var. (%)
+ Faturamento	51.517,88	52.515,55	1,9%
- Deduções e Impostos	-1.385,05	-1.745,28	26,0%
= Receita Líquida	50.132,83	50.770,27	1,3%
- Custos dos Produtos Vendidos	39.277,66	35.303,25	-10,1%
= Lucro Bruto	10.855,17	15.467,01	42,5%
- Despesas Operacionais Líquidas	8.839,01	9.155,61	3,6%
+ Resultado Financeiro e Patrimonial	623,24	-44,98	-
= Resultado antes do IRPJ e CSLL	2.639,40	6.266,42	137,4%
- IRPJ e CSLL	686,00	2.043,83	197,9%
= Resultado Líquido	1.953,40	4.222,59	116,2%

# 02

## Mercado de saúde suplementar

### Planos Odontológicos



# 02

## Mercado de saúde suplementar

### Planos Odontológicos

#### Número de beneficiários e taxa de cobertura

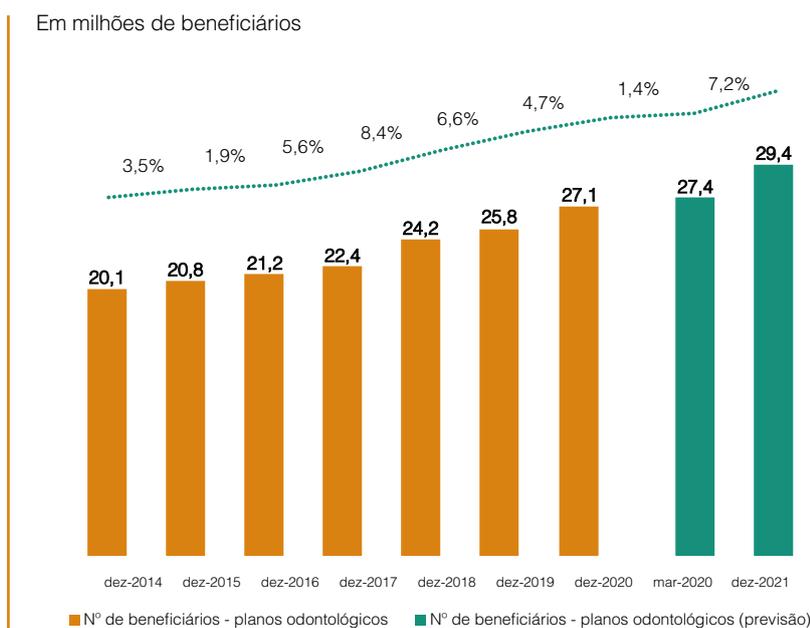
O mercado de planos exclusivamente odontológicos cresceu 4,7% em 2020, finalizando o ano com 27,1 milhões de beneficiários. Este crescimento, o menor dos últimos quatro anos, foi afetado pela pandemia de COVID-19, que causou retração do mercado de planos odontológicos no 2º trimestre de 2020, mas que foram equacionados no 4º trimestre de 2020, com aumento de 816,8 mil beneficiários (3,1%) entre setembro e dezembro.

A perspectiva para o setor de planos odontológicos em 2021 é de retomada acentuada da trajetória de crescimento. Assim como no caso do setor de planos médico-hospitalares, a perspectiva de recuperação é decorrente da retomada do crescimento do número de beneficiários no setor e pela melhora de indicadores econômicos nos dois últimos trimestres de 2020, além do início da vacinação contra a COVID-19 no Brasil. Estes fatores significariam a mitigação dos efeitos da pandemia sobre a economia em 2021, o que impulsionaria a retomada da atividade econômica e da geração de emprego, e conseqüentemente o número de beneficiários.

As estimativas indicam um aumento de 1,4% no número de beneficiários de planos exclusivamente odontológicos no 1º trimestre de 2021, o que significa um aumento de 369,9 mil beneficiários neste período. O crescimento anual aponta para 7,2%, indicando uma intensificação da recuperação em 2021.

### Gráfico 9 – Número de beneficiários de planos exclusivamente odontológicos

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



A taxa de cobertura de planos exclusivamente odontológicos apresentou uma trajetória de crescimento constante nos últimos sete anos. Esta taxa atingiu 13,3% da população brasileira em 2020, um crescimento de 3,4 pontos percentuais em relação a 2014, quando 9,9% da população possuía acesso a este tipo de planos.

### Gráfico 10 – Taxa de cobertura de planos exclusivamente odontológicos

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS e IBGE.



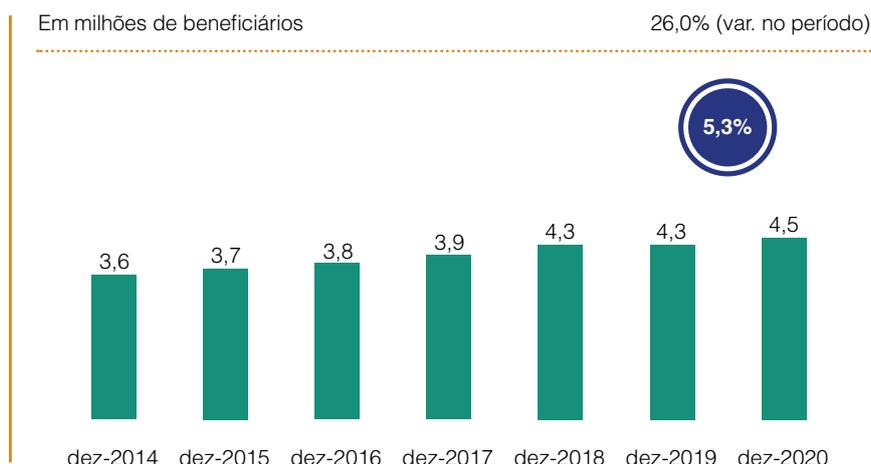
Os planos coletivos por adesão apresentaram a maior taxa de crescimento percentual nos últimos 12 meses. No período entre dezembro de 2019 e 2020, houve aumento de 14,6% neste tipo de plano, indicando acréscimo de 366,6 mil beneficiários. Em seguida aparecem os planos individuais/familiares, que apresentaram crescimento de 5,3%, o que corresponde a 228,6 mil novos beneficiários. Os planos do tipo coletivo empresarial apresentaram crescimento de 3,2%, refletindo o acréscimo de 612,6 mil beneficiários.

Entre 2014 e 2020, o crescimento do mercado de planos odontológicos se baseou no desempenho dos planos coletivos empresariais e por adesão, que registraram crescimento de 4,8 milhões de beneficiários (32,3%) e 1,3 milhão (81,7%), respectivamente. Os planos individuais ou familiares apresentaram crescimento de 936,2 mil (26,0%) beneficiários.

### Gráfico 11 – Desempenho do mercado de planos odontológicos por tipo de contratação

#### Plano Individual/Familiar

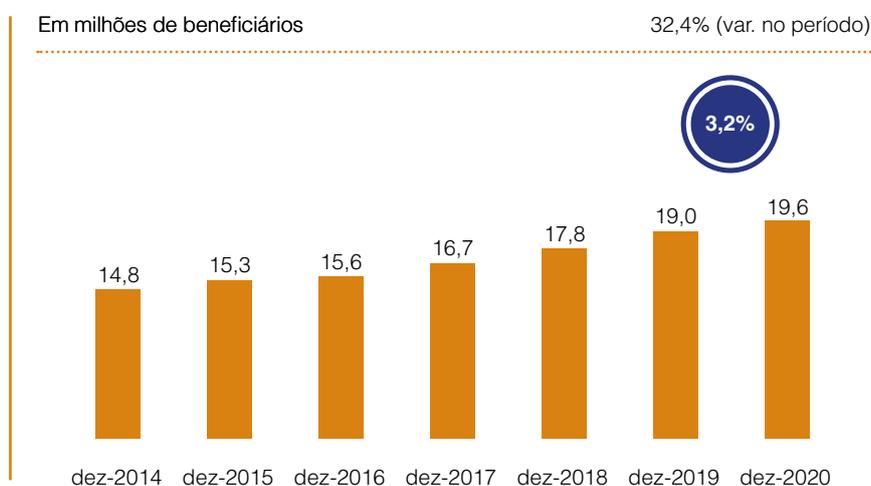
Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



### Gráfico 11 – Desempenho do mercado de planos odontológicos por tipo de contratação

#### Plano Coletivo Empresarial

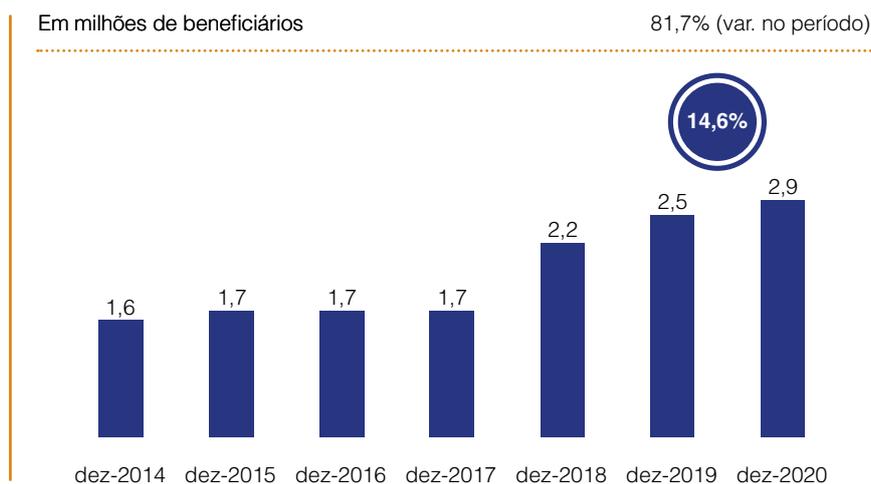
Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



### Gráfico 11 – Desempenho do mercado de planos odontológicos por tipo de contratação

#### Plano Coletivo por Adesão

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



O volume de novas adesões a planos exclusivamente odontológicos em 2020 foi de 9,7 milhões. Destas novas adesões, dois terços foram registradas em planos do tipo coletivo empresarial, o que significa a adesão de 6,5 milhões de novos beneficiários. Os planos individuais ou familiares apresentaram 2,3 milhões de novos beneficiários, e os planos coletivos por adesão, registraram 1,0 milhão. É importante considerar que este volume de adesões representa tanto beneficiários que estejam migrando de um produto para outro, como beneficiários que estão adquirindo planos odontológicos pela primeira vez.

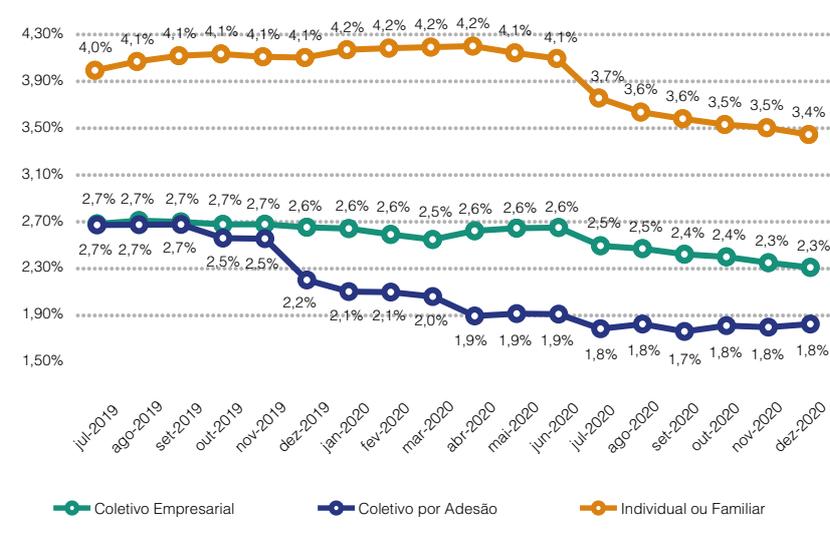
O índice *churn rate* mede a quantidade de clientes que cancelaram o contrato de plano de saúde no período. Esta medida compreende tanto beneficiários que cancelaram o contrato com a operadora e deixaram de ter plano odontológico quanto indivíduos que cancelaram o contrato, mas aderiram a produto de outra operadora.

O índice é mais elevado nos planos do tipo individual ou familiar, atingindo 3,4% em dezembro de 2020. Em segundo lugar aparecem os planos coletivos empresariais (2,3%), e por último os coletivos por adesão (1,8%). A *churn rate* apresentou queda a partir de junho de 2020 nos três tipos de planos, sendo esta queda, de 0,7 pontos percentuais, mais acentuada para os planos do tipo individual/familiar.

Com exceção dos planos coletivos por adesão, os planos exclusivamente odontológicos apresentam um padrão de taxa de cancelamento mais elevada que os planos médico-hospitalares.

**Gráfico 12 – Churn Rate em planos excl. odontológicos por tipo de contrato (jul/2019 a dez/2020)**

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



As seguradoras foram a modalidade com melhor desempenho em 2020, com crescimento de 33,7%. Em seguida vieram as medicinas de grupo (13,8%), filantropias (6,4%), cooperativas médicas (4,3%), cooperativas odontológicas (2,4%) e autogestões (2,3%). A modalidade de odontologia de grupo apresentou queda do número de beneficiários neste período, de -3,9%.

A expansão do mercado de planos odontológicos nos últimos sete anos foi impulsionada pelo forte crescimento das modalidades de seguradoras e medicinas de grupo. Estas modalidades apresentaram crescimento de 250,7% e 111,2% entre 2014 e 2020, respectivamente. Estas duas modalidades representam 39,0% do mercado de planos odontológicos em 2020, o que significa um crescimento de 16,4 pontos percentuais em relação a esta proporção em 2014. Também apresentaram crescimento neste período as modalidades de autogestão (50,6%), cooperativa médica (24,1%), cooperativa odontológica (9,7%) e odontologia de grupo (4,5%). As operadoras filantrópicas, por sua vez, apresentaram retração de 3,2% no mesmo período.

## Tabela 2 - Desempenho do mercado de planos odontológicos por modalidade da operadora

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.

Período	Autogestão	Cooperativa Médica	Filantropia	Medicina de Grupo	Seguradora	Cooperativa Odontológica	Odontologia de Grupo	Total
dez-14	58.108	419.253	109.493	3.856.193	687.346	3.083.674	11.867.769	20.081.836
dez-15	89.957	393.761	108.435	4.047.975	753.376	3.030.424	12.356.792	20.780.720
dez-16	90.804	401.996	103.555	5.237.746	866.357	3.039.685	11.426.460	21.166.603
dez-17	96.019	418.748	103.294	5.755.743	1.110.155	3.134.347	11.737.761	22.356.067
dez-18	89.396	457.600	100.524	6.488.402	1.437.758	3.238.032	12.423.634	24.235.346
dez-19	85.561	498.494	99.603	7.154.631	1.802.997	3.304.053	12.900.204	25.845.543
dez-20	87.488	520.130	105.966	8.144.687	2.410.388	3.383.722	12.397.932	27.050.313
Var. acumulada	50,6%	24,1%	-3,2%	111,2%	250,7%	9,7%	4,5%	34,7%
Var. (12 meses)	2,3%	4,3%	6,4%	13,8%	33,7%	2,4%	-3,9%	4,7%

## Desempenho econômico-financeiro

O mercado de planos de saúde exclusivamente odontológicos arrecadou R\$ 4,3 bilhões em receita de contraprestações nos três primeiros trimestres de 2020, um aumento de 2,1% em relação ao mesmo período de 2019 (R\$ 4,2 bilhões). As operadoras de medicina de grupo foram as que apresentaram maior crescimento no faturamento nos últimos 12 meses, de 20,2%. Também apresentaram crescimento neste período as seguradoras (16,7%), as filantrópicas (6,9%) e as autogestões (3,2%). Apresentaram quedas nas receitas as seguintes modalidades: cooperativas médicas (-17,1%), odontologias de grupo (-5,0%) e cooperativas odontológicas (-2,3%).

As operadoras de odontologia de grupo detêm a maior parcela de mercado (market share), sendo responsáveis por mais da metade das receitas de contraprestações do setor. Apesar do número expressivo, o market share desta modalidade em setembro de 2020 (50,7%) é menor do que o apresentado em 2019 (54,5%). As operadoras de medicina de grupo foram responsáveis por 26,6% das receitas de planos exclusivamente odontológicos em 2020, um aumento de 4,0 pontos percentuais em relação à parcela de 2019. Em seguida aparecem as cooperativas odontológicas (12,1%), as seguradoras (6,6%), as cooperativas médicas (2,1%), as autogestões (1,4%) e as filantrópicas (0,6%).

**Tabela 3** – Participação de mercado no total de receitas de contraprestações de planos odontológicos por modalidade

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.

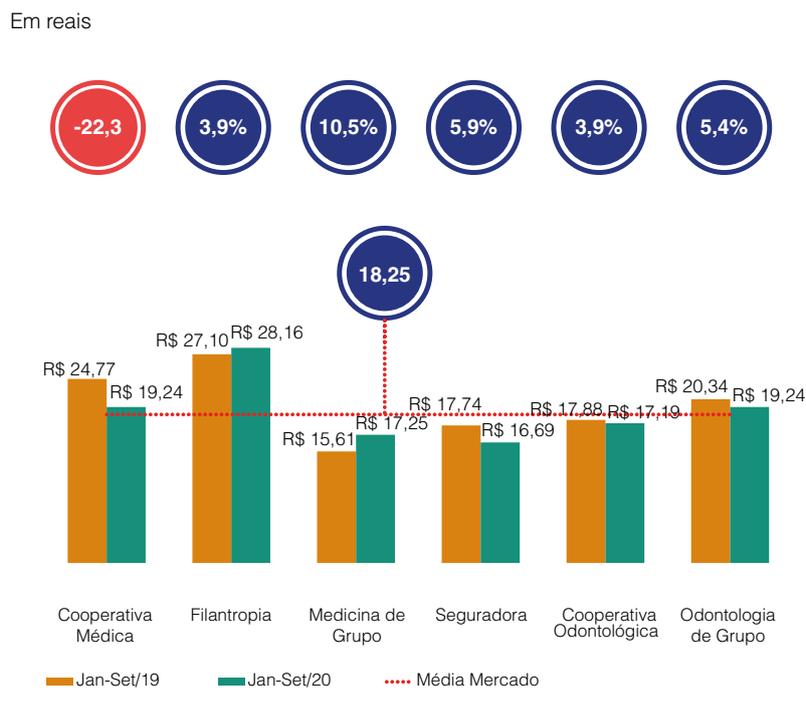
Modalidade	Jan-Set/19		Jan-Set/20		Var. (12 meses)
	Valores (Em R\$ milhares)	Market Share (em %)	Valores (Em R\$ milhares)	Market Share (em %)	
Autogestão	58.538	1,4%	60.434	1,4%	3,2%
Cooperativa Médica	105.676	2,5%	87.571	2,1%	-17,1%
Filantropia	24.307	0,6%	25.992	0,6%	6,9%
Medicina de Grupo	940.213	22,6%	1.130.478	26,6%	20,2%
Seguradoras	239.052	5,7%	278.912	6,6%	16,7%
Cooperativa Odontológica	526.466	12,6%	514.433	12,1%	-2,3%
Odontologia de Grupo	2.268.327	54,5%	2.154.230	50,7%	-5,0%
<b>Total</b>	<b>4.162.579</b>	<b>100,0%</b>	<b>4.252.049</b>	<b>100,0%</b>	<b>2,1%</b>

O *ticket* médio mensal dos planos odontológicos alcançou R\$ 18,25 em setembro de 2020, o que representa uma redução de 2,2% em relação ao mesmo período do ano anterior. O indicador apresentou queda entre as cooperativas médicas (-22,3%), as seguradoras (-5,9%) e as odontologias de grupo (-5,4%). O *ticket* médio apresentou crescimento entre as operadoras de medicina de grupo e filantropia, de 10,5% e 3,9%, respectivamente.

As operadoras filantrópicas se mantêm como a modalidade com maior *ticket* médio, R\$ 28,16. Além desta modalidade, as odontologias de grupo e cooperativas médicas também apresentaram *ticket* médio superior à média do mercado. O *ticket* médio da modalidade de autogestão não foi incluído na análise porque o resultado diverge de forma substancial, prejudicando a comparação.

### Gráfico 13 - Origens das multas aplicadas pela ANS por ano

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.



Entre janeiro e setembro de 2020, o resultado líquido das operadoras de odontologia de grupo foi de R\$ 421,9 milhões, uma melhora de 92,2% em relação ao resultado no mesmo período do ano anterior. Este resultado foi fortemente influenciado pela queda de 31,1% no custo dos produtos vendidos (despesa assistencial), decorrente do adiamento dos tratamentos durante a pandemia. Assim como no caso das operadoras de planos de saúde médico-hospitalares, é esperado que com a retomada dos procedimentos adiados, o resultado líquido retorne a patamares mais próximos do observado antes da pandemia.

## Quadro 2 – Desempenho financeiro das operadoras da modalidade de odontologia de grupo (em milhares de R\$)

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações da ANS.

Indicador	Jan a Set 2019	Jan a Set 2020	Var. (%)
+ Faturamento	2.283.140,97	2.166.875,26	-5,1%
- Deduções e Impostos	-144.223,41	-148.290,59	2,8%
= Receita Líquida	2.138.917,56	2.018.584,68	-5,6%
- Custos dos Produtos Vendidos	897.617,40	618.523,16	-31,1%
= Lucro Bruto	1.241.300,16	1.400.061,52	12,8%
- Despesas Operacionais Líquidas	886.457,90	773.864,27	-12,7%
+ Resultado Financeiro e Patrimonial	-23.715,08	-31.627,61	-
= Resultado antes do IRPJ e CSLL	331.127,17	594.569,63	79,6%
- IRPJ e CSLL	111.635,07	172.648,64	54,7%
= Resultado Líquido	219.492,10	421.920,99	92,2%

03

## Saúde em Foco

Situação da Saúde Bucal  
no Brasil



# 03

## Saúde em Foco

### Situação da Saúde Bucal no Brasil

#### A pesquisa nacional de saúde bucal

A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) tem abrangência nacional, é realizada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – em convênio com o Ministério da Saúde. Seu objetivo é ampliar o escopo temático da investigação realizada na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) acerca do tema saúde. A partir de 2013, a PNS passou a ser realizada separadamente da PNAD e com intervalo de cinco anos entre cada edição.

A PNS mais recente foi realizada em 2019, sendo seus resultados divulgados em 2020. Esta edição contempla quatro eixos temáticos: Percepção do estado de saúde, Estilos de vida, Doenças crônicas e Saúde Bucal. Este último eixo será o foco da análise apresentada nesta seção.

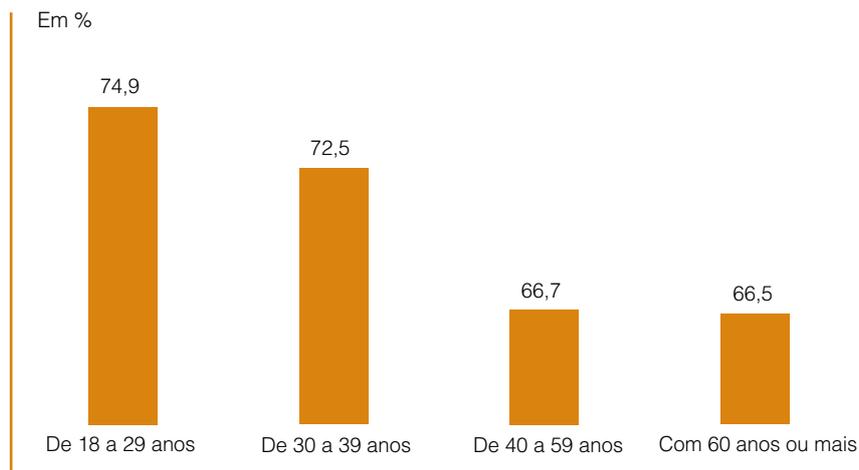
#### A Saúde Bucal no Brasil

A saúde bucal é um componente fundamental da saúde integral e da qualidade de vida de uma população. De acordo com as estimativas da PNS, que entrevistou amostras de indivíduos com mais de 18 anos, 69,7% das pessoas nesta faixa etária avaliam a sua saúde bucal como boa ou muito boa. Esta proporção é ligeiramente superior entre as mulheres (70,9%) em comparação com os homens (68,3%).

Como pode ser visto no gráfico 14, a proporção de indivíduos que consideram sua saúde bucal boa ou muito boa é inversamente proporcional à idade. Entre as pessoas na faixa etária mais jovem, de 18 a 29 anos, o percentual foi de 74,9%, enquanto entre os mais velhos, com mais de 60 anos, foi de 66,5%.

**Gráfico 14** - Proporção das pessoas com 18 anos ou mais de idade que consideram sua saúde bucal como boa ou muito boa

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações do IBGE/MS.



A PNS também evidenciou outro fato conhecido da política de saúde brasileira, que o tratamento dentário é conduzido em sua ampla maioria pela rede privada. De acordo com o relatório, 78,2 milhões de indivíduos com mais de 18 anos realizaram consultas odontológicas nos 12 meses anteriores à pesquisa, sendo que 75,0% desses atendimentos foram feitos em consultório particular, clínica privada, ou hospital privado, enquanto 19,1% ocorreram em unidades básicas de saúde.

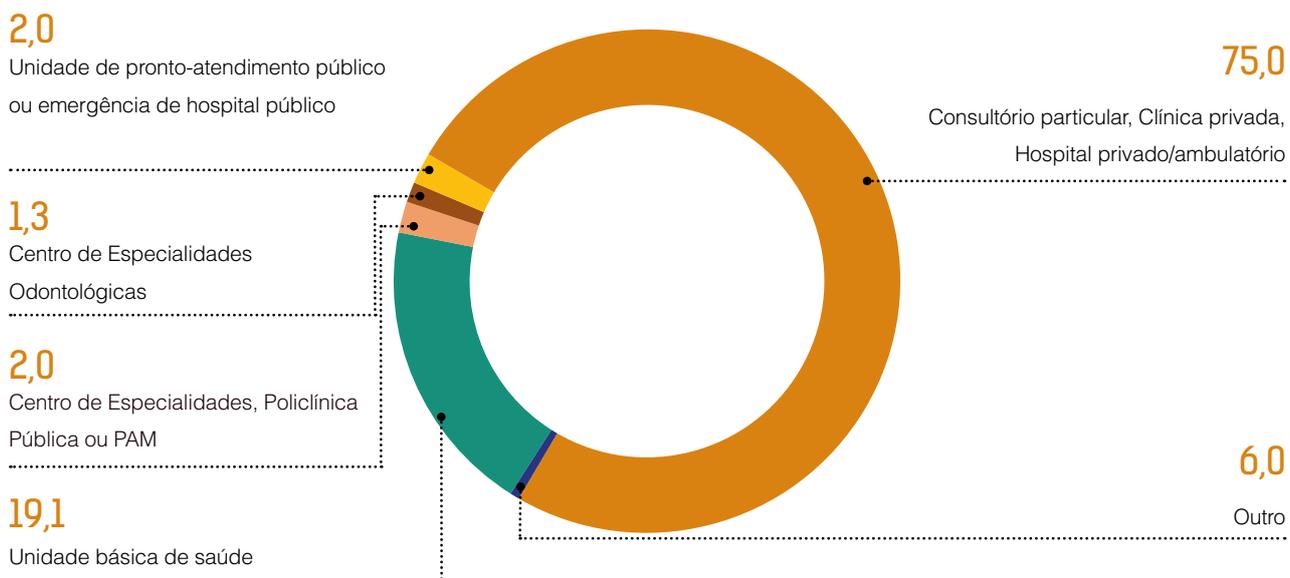
Parte considerável destes 78,2 milhões de indivíduos que realizaram consulta odontológica nos últimos 12 meses, o fizeram por meio do seu plano odontológico, tendo em vista que 27,1 milhões de brasileiros possuem hoje acesso a cobertura privada, aliado ao fato de que o mercado de planos odontológicos tem crescido consistentemente ao longo da última década.

Por outro lado, a taxa de cobertura ainda é tímida, alcançando apenas 13,3% da população brasileira, o que nos coloca diante de um enorme desafio: a necessidade de constante inovação, tanto de produto quanto regulatória, com o objetivo de aumentar o acesso ao tratamento dentário.

## Gráfico 15 – Distribuição do local das consultas odontológicas nos últimos 12 meses pessoas

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações do IBGE/MS.

Em %



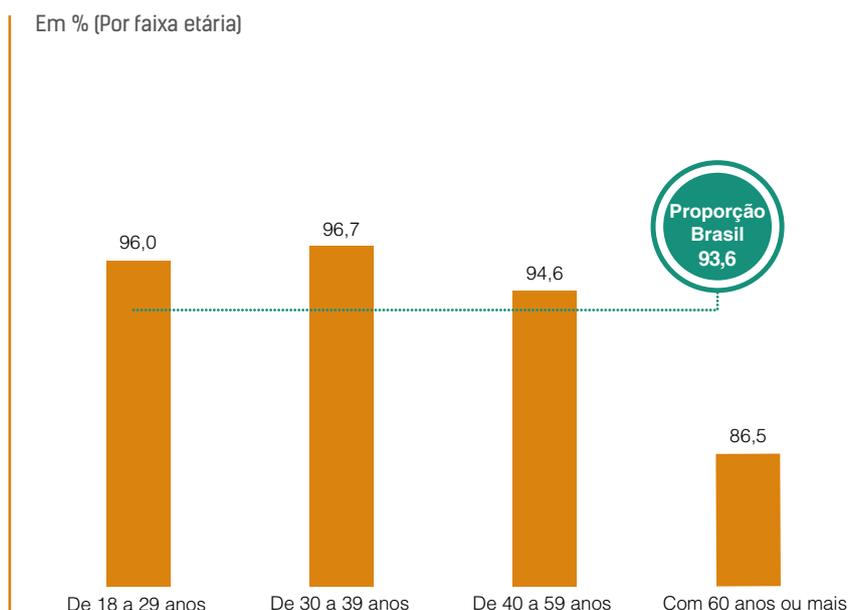
A manutenção e melhoria da saúde bucal ocorrem principalmente por meio da prevenção, o que envolve, além de visitas regulares ao consultório odontológico, o hábito da escovação. De acordo com a pesquisa, em 2019, 93,6% das pessoas com mais de 18 anos escovavam os dentes ao menos duas vezes por dia. Este número indica uma melhora em relação ao encontrado na PNS de 2013, quando esta proporção era de 89,1%.

Este percentual é menor entre residentes da zona rural (87,7%), em comparação com residentes da zona urbana (94,6%). Apesar desta diferença, a comparação entre as PNS de 2013 e 2019 aponta uma melhora mais acentuada da proporção de pessoas que escovam o dente regularmente na zona rural. Entre as duas edições da pesquisa, esta proporção cresceu 8,7 pontos percentuais na zona rural e 3,9 pontos na zona urbana.

A proporção de pessoas com hábito da escovação é maior em indivíduos com idade entre 30 e 39 anos. A partir dos 40 anos, este percentual começa a cair, atingindo 86,5% entre indivíduos com mais de 60 anos, abaixo da média brasileira, o que ajuda explicar a menor proporção de indivíduos que consideram sua saúde bucal boa ou ótima nesta faixa etária.

## Gráfico 16 – Proporção de pessoas que escovam os dentes ao menos 2 vezes por dia

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações do IBGE/MS.



A limpeza completa dos dentes exige a utilização de escova, pasta e fio dental. Em 2019, 63,0% das pessoas realizavam sua higienização bucal utilizando estes três itens. A diferença na proporção de homens e mulheres foi significativa para este indicador: entre os homens a taxa foi de 57,6% e entre as mulheres 67,7%.

Outro indicador importante para analisar o nível de cuidado do brasileiro com a saúde bucal é a proporção de pessoas que trocam a escova de dentes por uma nova a cada três meses, como é recomendado pelos especialistas. De acordo com a PNS, 50,7% das pessoas realizam esta troca. Como no caso de outros indicadores de cuidado odontológico, esta proporção é menor para as faixas etárias mais elevadas, sendo de 55,0% para pessoa com idade entre 18 e 29 anos e 42,6% para a faixa etária de mais de 60 anos.

Os resultados da pesquisa indicam uma alta correlação entre nível de instrução e os indicadores de cuidado dentário aqui apresentados, como pode ser visto no gráfico 16. Os indicadores apresentados no gráfico são crescentes em relação à escolaridade. Mesmo entre níveis mais baixos de escolaridade, uma melhora do nível de instrução aumenta consideravelmente a proporção de indivíduos que realizam a higiene bucal de forma adequada. Por exemplo, 61% das pessoas com ensino fundamental completo ou médio incompleto usam escova, pasta e fio dental para limpeza dos dentes, enquanto entre indivíduos sem instrução ou com fundamental incompleto esta proporção é de 38,5%.

## Incidência de problemas odontológicos na população brasileira

A perda de dentes ainda é um problema que aflige uma parcela expressiva da população brasileira. De acordo com a PNS de 2019, 8,9% das pessoas com 18 anos ou mais já perderam todos os dentes. A pesquisa também aponta que mais de um quinto desta população (21,3%) já perdeu 13 dentes ou mais.

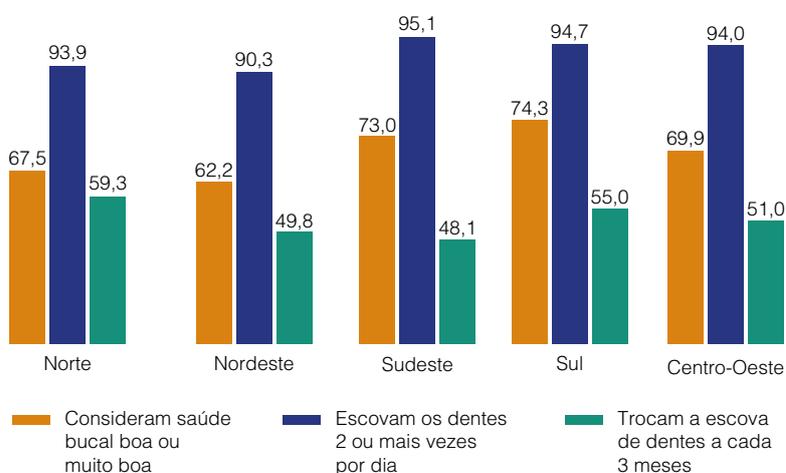
É verdade que o indicador melhorou quando comparado ao resultado apurado em 2013 pela mesma pesquisa, quando 11% da população reportou ter perdido todos os dentes. Entretanto, o número ainda é demasiadamente elevado e evidencia a dificuldade de acesso ao tratamento dentário no país que concentra o maior número de profissionais dentistas do mundo, que possui uma formação profissional reconhecida internacionalmente e tem infraestrutura com elevada capacidade de atendimento.

A perda de dentes é mais recorrente entre pessoas do sexo feminino. Como pode ser visto no gráfico, as estimativas indicam que 10,9% das mulheres perderam todos os dentes e 24,5% já perderam 13 dentes ou mais. Entre os homens estes números são 6,6% e 17,7%, respectivamente. A frequência de perda de dentes aumenta consideravelmente em indivíduos de idade mais avançada. A pesquisa indica que aproximadamente uma em cada três pessoas com mais de 60 anos já perderam todos os dentes. Na faixa etária logo abaixo desta, de 40 a 59 anos, esta proporção é de apenas 5,4%.

### Gráfico 17 – Indicadores por nível de instrução

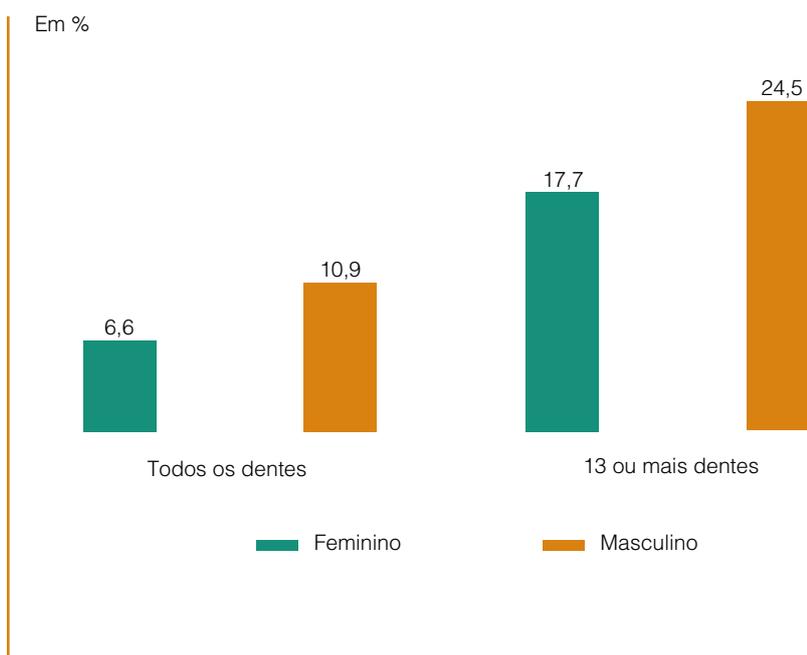
Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações do IBGE/MS

Em % (Indicadores por nível de instrução)



### Gráfico 18 – Percentual de pessoas com mais de 18 que perderam dentes

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações do IBGE/MS.



A perda de dentes está relacionada com o uso de prótese dentária. Em 2019, 33,0% da população adulta usava algum tipo de prótese dentária. Entre pessoas com mais de 60 anos esta proporção atinge 72,0%. O gráfico abaixo indica que o uso de prótese é mais frequente entre indivíduos com renda domiciliar per capita entre dois e três salários mínimos, 37,7% deste grupo. A partir desta faixa de renda o uso de prótese cai, atingindo 34,5% das pessoas com renda superior a cinco salários mínimos.

Assim como no caso da perda de dentes, o uso de prótese é mais comum entre as mulheres, já que 37,1% faziam uso deste procedimento em 2019 em comparação com 28,4% dos homens. Dessa forma, a PNS indica que apesar das mulheres apresentarem índices mais elevados de cuidado bucal, sofrem mais com perda de dentes e recorrem mais ao uso de próteses do que os homens.

## Panorama Regional

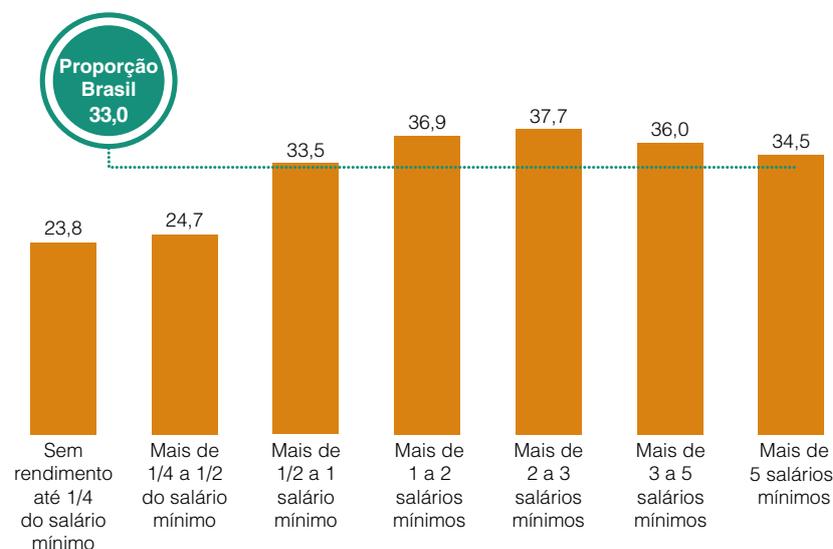
Os dados levantados pela PNS permitem analisar o estado da saúde bucal nas diferentes regiões do Brasil. A região Sul apresentou a maior proporção de pessoas com mais de 18 anos que consideram sua saúde bucal boa ou muito boa, 74,3%. Na região Sudeste o índice de 73,0% também é superior à média do país (69,7%). Por outro lado, a região Nordeste apresentou o menor índice, com apenas 62,2% da população adulta considerando sua saúde bucal boa ou muito boa.

Analisando os indicadores de cuidado com a higiene bucal, podemos notar que a região com a maior proporção de pessoas que escovam os dentes ao menos duas vezes ao dia é o Sudeste, com 95,1%. Apesar deste alto número, a proporção de pessoas que trocam a escova a cada três meses é relativamente baixa no Sudeste, 48,1%. Este número é menor do que o observado nas regiões Norte (59,3%), Sul (55,0%), Centro-Oeste (51,0%) e Nordeste (49,8%).

### Gráfico 19 – Proporção de pessoas de 18 anos ou mais de idade que usavam algum tipo de prótese dentária

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações do IBGE/MS.

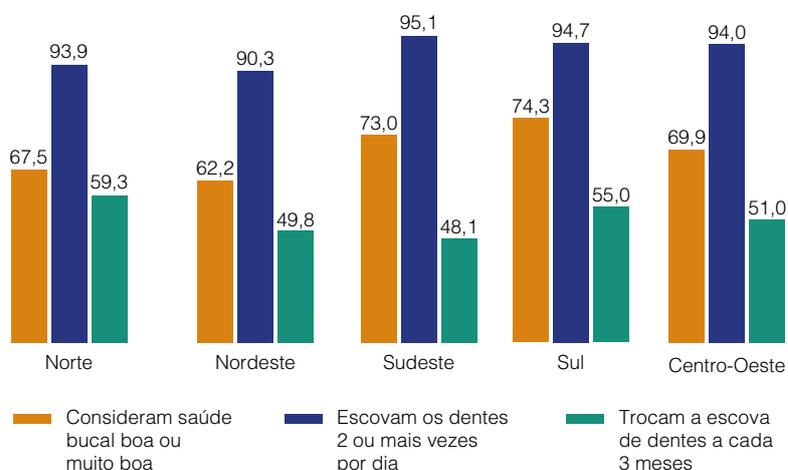
Em % (Por rendimento domiciliar per capita)



## Gráfico 20 – Indicadores de cuidado com a higiene bucal por região

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações do IBGE/MS.

Proporção de pessoas com mais de 18 anos que: (%)



A perda de dentes é mais recorrente na região Nordeste, onde foi estimado que 25,5% das pessoas com mais de 18 anos já perderam ao menos 13 dentes e 9,8% perderam todos os dentes. A taxa de perda total de dentes também é elevada no Sudeste e no Sul, de 8,9% e 8,4% respectivamente, e menor na região Norte (7,6%). A região Centro-Oeste apresentou baixos índices de perda de dentes: 18,9% quando considerados 13 ou mais dentes e 7,7% quando considerada a perda de todos os dentes.

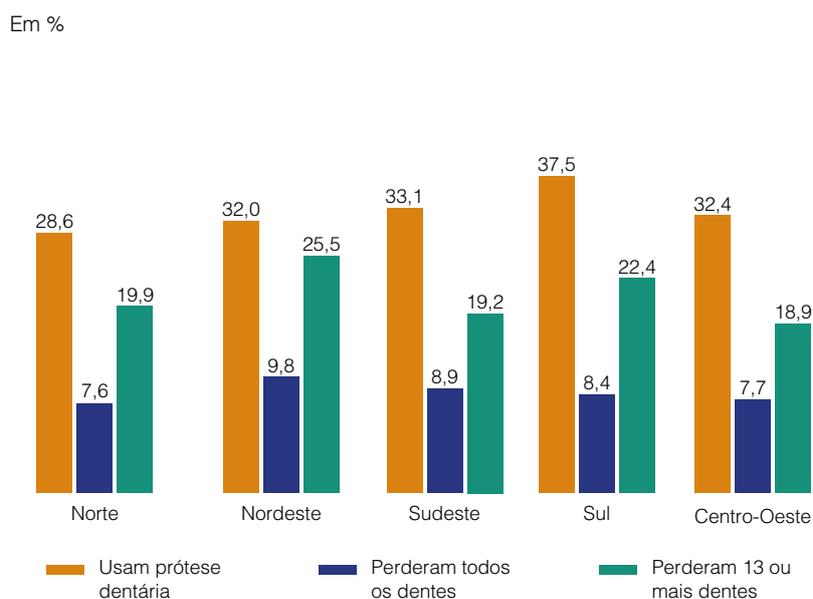
A região Sul despontou como aquela que tem a maior proporção de pessoas com mais de 18 anos que usam algum tipo de prótese dentária, 37,5%, seguida pela região Sudeste (33,1%). As demais regiões apresentaram proporção abaixo da média brasileira, de 33,0%, como pode ser visto no gráfico abaixo.

Convém notar que a região Nordeste concentra elevados índices de perda de dentes ao mesmo tempo em que possui a segunda menor taxa de uso de prótese dentária no país, o que pode ser evidência de dificuldade de acesso ao tratamento.

Também chama a atenção os baixos índices de perda de dentes e uso de prótese na região Norte, o que também pode ser resultado da falta de acesso ao tratamento. Essa região possui a menor taxa de perda total dos dentes (7,6%) e de uso de prótese (28,6%). Apesar destes resultados, apenas 67,5% das pessoas com mais de 18 anos consideram sua saúde bucal boa ou muito boa nesta região, como pode ser visto no gráfico 19. Esta proporção só é maior do que a da região Nordeste, de 62,2%, quando comparada com a das demais regiões do país.

## Gráfico 21 – Proporção de pessoas com mais de 18 anos que tiveram perda de dentes e usam prótese

Fonte: Elaborado por ABRAMGE/SINAMGE/SINOG com base em informações do IBGE/MS.



## Considerações Finais

A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) bucal levantou dados importantes sobre a situação da saúde bucal no país, apontando que sete em cada 10 brasileiros consideram sua saúde bucal boa ou muito boa, bem como as mulheres cuidam mais da higiene bucal que os homens, porém a perda de dentes e o uso de próteses dentárias são mais frequentes entre elas do que entre os homens.

Os resultados também indicaram que os problemas com a saúde bucal estão fortemente relacionados com a idade e o grau de instrução, e que muito provavelmente a dificuldade de acesso ao tratamento prejudica a comparação de indicadores entre as regiões do país.

A PNS também apontou que a saúde bucal no Brasil é amparada majoritariamente pela saúde privada. Três quartos das consultas odontológicas realizadas nos 12 meses anteriores à pesquisa ocorreram em consultórios, clínicas ou hospitais privados.

Portanto os resultados indicam a importância de aprimorarmos o acesso à saúde bucal em todas as regiões do país e revelam também a importância do setor privado para que consigamos alcançar esse objetivo.



Utilize o leitor de QR Code de seu celular para acessar outras edições do **Cenário Saúde** e ficar atualizado com o que acontece no mercado de saúde suplementar

Cenário Saúde é uma publicação de circulação nacional produzida pelo Sistema Abramge – Associação Brasileira de Planos de Saúde, Sinamge – Sindicato Nacional das Empresas de Medicina de Grupo, e Sinog – Sindicato Nacional das Empresas de Odontologia de Grupo, destinada aos executivos e colaboradores das operadoras de planos médicos e odontológicos; associações e entidades de classe; autoridades e servidores federais, estaduais e municipais; prestadores e fornecedores de serviços médicos e odontológicos; hospitais; laboratórios farmacêuticos; laboratórios de imagem e análises clínicas; sindicatos de trabalhadores e patronais; órgãos e veículos de comunicação.

## Cômite Executivo Sistema Abramge/Sinamge/Sinog

---

**Reinaldo Camargo Scheibe** – Presidente da Abramge

**Cadri Massuda** – Presidente do Sinamge

**Roberto Seme Cury** – Presidente do Sinog

**Carlito Marques** – Secretário Geral da Abramge

**Marcos Novais** – Superintendente Executivo

## Expediente – Editores Responsáveis

---

**Economista:** Daniel Quinaud

**Jornalista Responsável:** Gustavo Sierra. Mtb 76.114

**Gerente de Marketing e Eventos:** Keiko Otsuka Mauro

**Projeto Gráfico:** Roney Dionizio

**Designer:** Stefanie Lemos

---

A REPRODUÇÃO, TOTAL OU PARCIAL DESTA PUBLICAÇÃO SOMENTE É PERMITIDA COM CITAÇÃO DA FONTE

---



abramge • sinamge • sinog

**Periodicidade:** Trimestral

**Idioma:** Português (Brasileiro)

**ABRAMGE** - Associação Brasileira de Planos de Saúde  
**SINAMGE** - Sindicato Nacional das Empresas de Medicina de Grupo  
**SINOG** - Sindicato Nacional das Empresas de Odontologia de Grupo

**Cenário Saúde.** Rua Treze de Maio, 1540 - Bela Vista . São Paulo - SP

**CEP:** 01327-002; **TEL:** 11 3289-7511. [imprensa@abramge.com.br](mailto:imprensa@abramge.com.br)

**SITE:** [www.abramge.com.br](http://www.abramge.com.br) | [www.sinamge.com.br](http://www.sinamge.com.br) | [www.sinog.com.br](http://www.sinog.com.br)



abramge • sinamge • sinog

Rua Treze de Maio, 1540 . Bela Vista

01327-002 . São Paulo . SP

11 3289.7511 . [imprensa@abramge.com.br](mailto:imprensa@abramge.com.br)